

# EPISÓDIO INSTRUTIVO

17. IX. 58

O incidente ocorrido, por ocasião da recepção do Presidente da Itália, na cidade de Caxias é mais do que simples incidente, determinado pelo capricho do acaso: é um fato sintomático e patognomônico. Define uma época, revela uma mentalidade, caracteriza um estado político e social. Nele irrompeu o primarismo que a demagogia trabalhista entronizou no País. Regredimos ao caudilhismo estúpido e brutal, que parecia extinto em nosso Estado. Em face de uma alta personalidade estrangeira e do próprio Presidente da República, que, apesar das suas notórias deficiências, merece respeito qual... no exercício do cargo, irrompeu o facciosismo grosseiro, que nada conhece e respeita, senão a si mesmo.

Hospede do nosso Estado, recebido pessoalmente pelo Governador, era natural que o sr. Giovanni Gronchi fôsse por êste acompanhado a Caxias, expressão máxima da obra realizada em nosso Estado pelo colono italiano. Era dever de hospitalidade e demonstração de deferência. Não podia o Governador abandonar o Presidente italiano depois de o haver recebido em sua casa. Cumpria fazer-lhe as honras até o fim.

Assim foi que o sr. Ildo Meneghetti não hesitou em acompanhar o Presidente da Itália a Caxias, apesar de ser governada a cidade por um adversário e bem conhecer êle mentalidade dos próceres trabalhistas, em geral. Ante o visitante ilustre, ilustre e estrangeiro, haveria naturalmente de silenciar a paixão partidária. Se o Governador fôra eleito pela Frente Democrática e pelo Partido Trabalhista Brasileiro fôra eleito o Prefeito, ali haveriam de estar, não um Governador democrático e um Prefeito trabalhista, senão simplesmente o Governador do Estado e o Prefeito do Município.

Assim pensou o sr. Ildo Meneghetti e assim procedeu êle, quando fácil lhe fôra excusar-se com algum motivo de força maior. Cumpriu o seu dever de Governador, posto acima das contingências pessoais e facciosas, mas o outro não soube cumprir o seu dever de Prefeito da cidade que recebia tão honrosa visita.

Veamos. Presente o Presidente da República, a ordem natural de precedência era: presidente da Itália, presidente do Brasil, Governador do Rio Grande e Prefeito de Caxias. Caberiam todos os personagens no mesmo carro? Não haveria então dificuldade. Não cabiam, ou não ficava bem aglomerá-los, como a família numerosa em passeio? Pois também não haveria dificuldade: no primeiro carro viriam os dois Presidentes; no segundo, o Governador e o Prefeito. O que nunca poderia ser é que o Prefeito se aboletasse no primeiro carro e relegasse o Governador ao segundo, como o menos categorizado dos personagens, como inferior a um simples prefeito.

Dir-se-á, para desculpar o Prefeito, que interviera um quinto personagem — o sr. João Goulart, vice-presidente da República — e que tal intervenção desarranjou tudo. Não o cremos.

Indaguemos primeiro em que caráter compareceu o sr. João Goulart à recepção de Caxias. Como Vice Presidente da República? Não, pois presente estava o Presidente. Como Presidente do Senado? Não, porque os deveres dêste cargo para com o hospede ilustre êle os cumprira no Rio, onde tem sede o Congresso. Se não era nem o Vice Presidente da República, nem o Presidente do Senado quem all comparecia, só poderia ser o chefe do Partido Trabalhista Brasileiro, que assim procurava prestigiar-se, a si e aos seus, perante os cidadãos de ascendência italiana. E, como chefe de Partido, não lhe cabia a prece-

dência nem em relação ao prefeito da cidade que recebia o visitante estrangeiro. O sr. João Goulart pouco tinha que fazer all com o protocolo.

Concedamos, porém, que, apesar disto, lhe coubesse a precedência em relação ao Governador do Estado. Primeiro o sr. João Goulart, depois o sr. Ildo Meneghetti. Se esta era a ordem protocolar, claro é que não a podia subverter o Prefeito de Caxias antepoendo-se ao Governador e, pior, excluindo-o, como fez, da ilustre companhia. No segundo automóvel, a que se relegou o Governador como enjeitado, deveria ir também, e em segundo lugar, o Prefeito, se neste carro também não devesse estar o Vice-Presidente da República, deixando no outro somente os dois chefes de Estado.

Patente, pois, ficou o intuito de humilhar o Governador do Estado, colocando-o em posição subalterna perante o Presidente da Itália e a população de Caxias. Retirando-se do cortejo que tão desastrosamente se organizava, nada mais fez o sr. Ildo Meneghetti, do que defender as prerrogativas e a dignidade do seu cargo. Não se tratava da sua pessoa, que, em atenção ao visitante, poderia suportar a grosseria, mas do Governador que era, e não poderia deixar de ser.

Foi um episódio pouco honroso, para não dizer vergonhoso, principalmente por se haver desenrolado aos olhos de um estrangeiro ilustre, que deve ter tido uma triste idéia da nossa educação política. Mas foi também um episódio instrutivo para a gente do Rio Grande, que dentro de alguns dias terá de escolher o seu governante. Se um simples prefeito trabalhista assim procede em face de tão ilustres personagens, cuja presença lhe deveria conter os impulsos primários, que não poderá acontecer com um governador trabalhista, sendo o candidato quem é? Todos o podem imaginar, mas nem imaginar se faz necessário, pois é o próprio candidato quem, por atos e palavras, se encarrega de anunciar o que será o trabalhismo no governo do Estado.

E não venha ninguém desculpar-se depois com a ignorância.